

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Tradição das Janeiras em Monchique

Elisabete Rodrigues

Assunto: Natal

DN Magaziene



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º

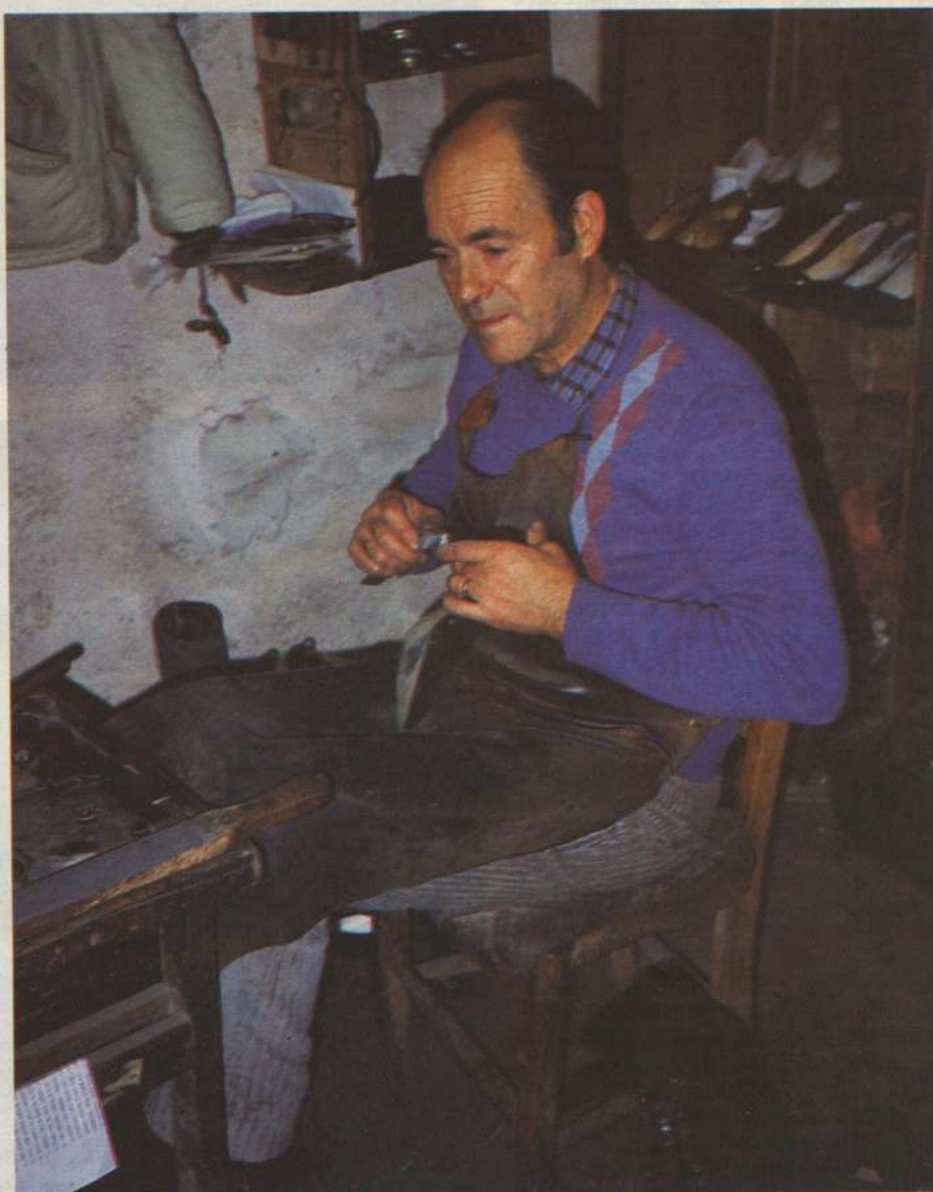
1344

Cota n.º

5-4155
~~456~~

TRADIÇÃO DAS JANEIRAS EM MONCHIQUE

Hoje é raro formarem-se mais de três ou quatro «joldras» na última noite do ano, mas há duas ou três décadas era vulgar juntarem-se às 30 ou 40, para cantarem as janeiras, como recorda mestre Joaquim Rita, sapateiro de sua profissão, cantador nestas ocasiões.



JANEIRAS EM MONCHIQUE

A tradição das janeiras continua bem viva na vila algarvia de Monchique, onde na noite de S. Silvestre continuam a juntar-se os grupos de janeireiros para percorrem as ruas cantando versos transmitidos de geração em geração.

Mestre Joaquim Rita, de 59 anos, sapateiro de profissão, é um dos mais antigos cantadores de janeiras de Monchique ainda em actividade. «Hoje é tudo mais à moderna», explica mestre Joaquim, «mas ainda há moços novos que gostam de ir cantar as janeiras e continuam a vir sempre desafiar-me para ir com eles.»

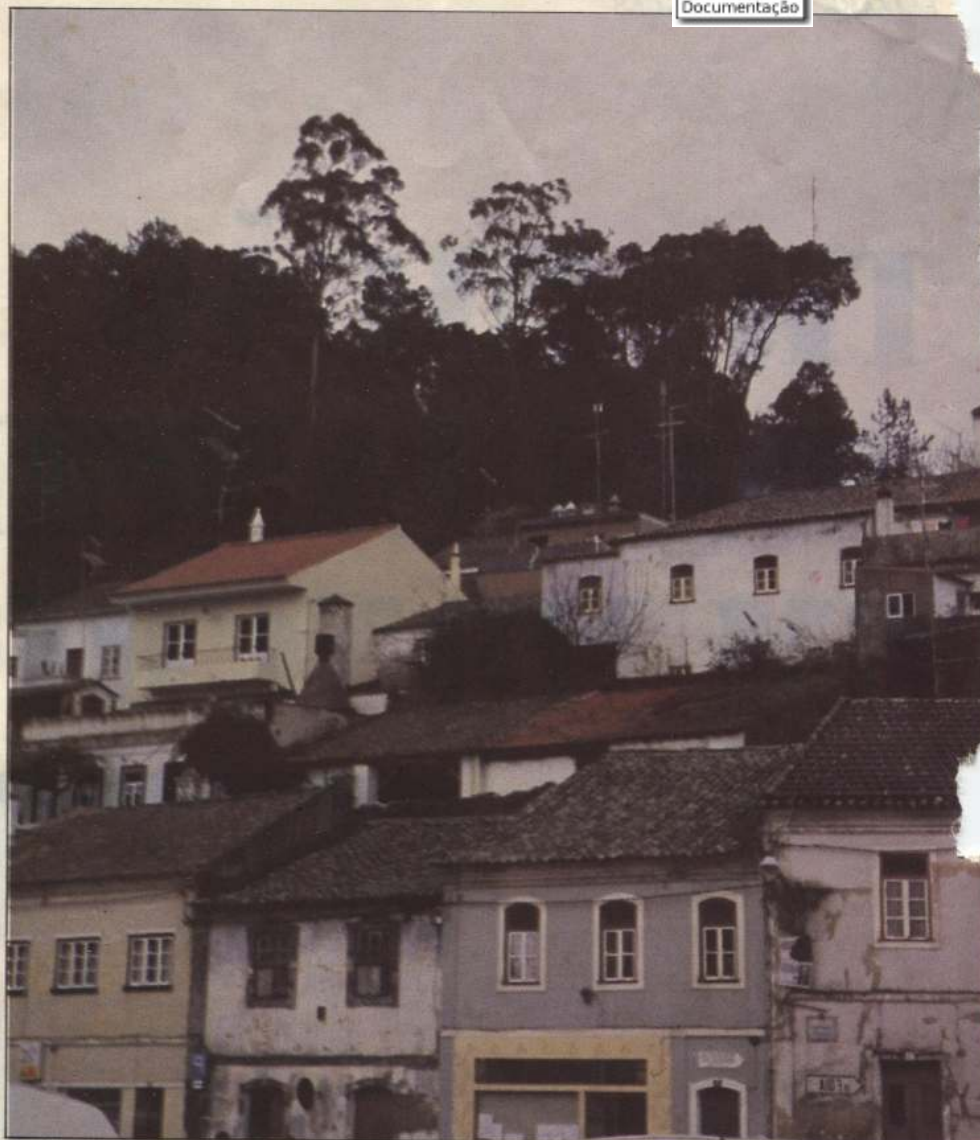
Em Monchique, os versos tradicionais da noite de S. Silvestre misturam aspectos religiosos e pagãos, sendo cantados com músicas ou «estilos» originais desta zona serrana do Algarve.

A pretexto de evocar «a noite primeira/em que Deus passou tormento», os janeireiros reúnem-se ao anoitecer para percorrerem não só as ruas da vila, como alguns lugares das redondezas. Enquanto cantam, vão recolhendo as ofertas ou «esmolas» que pouca gente recusa, e que eles destinam ao «petisco» ou «função», a festa que culmina uma noite de cantorias ao frio.

As ofertas são hoje sobretudo em dinheiro, mas antigamente «quando os cobres eram menos, ofereciam-se filhoses, fritos de flor, pastéis de batata-doce, figos secos, chouriços e morcelas.

Elemento fundamental de qualquer grupo de janeireiros, ou «joldra», é a pessoa que carrega o alforje, um saco onde vão recolhendo as ofertas. Os chouriços e as morcelas, oferecidas sobretudo nas zonas fora da vila, onde ainda se mata o porco, são pendurados num pau comprido, o «varal», carregado por dois rapazes.

«A gente às vezes chega a juntar aí umas 15 chouriças e morcelas no va-





ral, que guardamos para o petisco», lembra mestre Joaquim Rita.

RUAS CHEIAS DE GENTE

Hoje é raro formarem-se mais de três ou quatro «joldras» na última noite do ano, mas há duas ou três décadas era vulgar «juntarem-se 40 a 50 joldras que até faziam bicha à porta das casas mais ricas para cantarem as janeiras» — conta meste Joaquim. Para garantirem uma boa esmola, os janeireiros usavam então um truque: se a «joldra» era grande, dividiam-na ao meio para cantar duas vezes na mesma casa e assim garantir duas esmolas...

Os grupos de janeireiros integram cantores — homens, mulheres e «moços novos» — e também músicos. Peça fundamental de uma «joldra» é o «ponto» ou «apontador», uma pessoa com boa voz que canta sozinha dois versos, logo repetidos pelos restantes cantores.

Mestre Joaquim Rita, a quem a boa voz tem garantido o lugar de «ponto» desde «pequenino», recorda que no seu tempo se cantava com o acompanhamento de «gaita-de-beiços, ferrinhos, acordeão de duas escalas, pandeiretas ou ainda, para fazer de bombo, com um cântaro ou enfusa de barro, onde se batia com um capacho».

Sujeitos ao mudar dos tempos, as «joldras» de hoje utilizam já violas ou cavaquinhos, instrumentos estranhos à região. Os «estilos», esses, são os mesmos, segundo garante o mestre Joaquim.

«Ainda aqui cheguei já lhes venho 'apreguntar' se estão todos de saúde dão licença d'eu cantar» cantam os janeireiros à porta dos seus anfitriões, em jeito de apresentação.

E continuam:

«Esta noite é de janeiras, é de grande mer'cimento/por ser a noite pri-▷

JANEIRAS EM MONCHIQUE

meira/e que Deus passou tormenta».

«Tormentos que Deus passou/foi porque os quis passar/, suas carnes cortou/,suas carnes deixou cortar.»

«O seu sangue derramou/,seu sangue deixou derramar/, essas três pingas de sangue/vamos nós aproveitar.»

«A primeira faz o pão/ e a segunda faz o vinho,/ e a terceira que sobeja,/ficará p'ra Deus menino».

Seguem-se depois os elogios aos donos da casa, procurando «motivá-los» para a oferta de boas esmolas:

«Senhora dona de casa/ com raminho no chapéu/ quando vai para a igreja,/ parece um anjo do céu.»

«Ó que casa tão caiada,/ ó que rua tão varrida,/ senhora que é asseada/ pela rua é conhecida».

E insistem:

«Ora dai, senhores dai,/ ora dai, se quiserdes dar,/ se não for de sua vontade/ ninguém lhes pode obrigar.»

Por vezes a esmola tarda, e os janeireiros cantam à cautela:

«Ainda lhe canto mais esta/ em louvor a San Alberto/ mande-nos dar a esmola,/ qu'ó sacco já está aberto».

«Ainda lhe canto mais esta/ em louvor de São João/ não lhe canto mais nenhuma,/ sem saber o que me dão.»

Recolhida a esmola no alforge ou no varal, despedem-se então dos donos da casa:

«Quem tão boa esmola deu/ ó que rico convidado,/ fique-se com Deus, senhora/ Deus lhe pague, muito obrigado.»

«Fiquem-se com Deus, senhores-/qu'eu com Deus me vou embora/ Deus queira que nos vejamos/ lá no reino da «glória».





*«Fique-se com Deus, senhores,
qu'eu com Deus me vou também/
Deus lhes pague, muito obrigado,/ e
até pró ano qu' vem», despedem-se
os janeireiros*

TRADIÇÃO RECUPERADA

Mas nem sempre as coisas correm bem para as «joldras» e algumas pessoas, mais «sovinas» ou mais cansadas das brincadeiras dos janeireiros recusam a esmola. É claro que existem também versos apropriados para essa situação, sarcásticos e por vezes rudes:

*«Senhor lavrador honrado,/ cara de
palaio cru,/ já que não deu esmola,
mêta-a no...»*

Outras vezes, por brincadeira, oferecem aos janeireiros bocados de tripa cheios de farelos ou serradura, ou ainda excrementos, embrulhados em papel, que assim à primeira vista passam bem pelos chouriços e morcelas do costume... Descoberto o engano, o grupo devolve a esmola, cantando:

*«Ainda agora aqui estive,/ já cá
volto outra vez,/ Venho trazer a es-
mola/ à grande porca que a fez./»*

Preparadas para todas as eventualidades, as «joldras» enchem de alegria e animação as ruas na noite fria de S. Silvestre.

Depois de terem caído um pouco no esquecimento, as janeiras de Monchique são hoje uma tradição recuperada. Das «joldras» fazem parte muitos jovens da terra, que aprenderam com os mais velhos, como o mestre Joaquim Rita, os versos e os «estilos» tradicionais.

«Hoje toda a gente gosta que os janeireiros vão cantar às suas portas e chegam mesmo a ficar ofendidos se nós não aparecemos», salienta mestre Joaquim. «Isto de cantar as janeiras é uma tradição muito bonita.» □

